

Centro de Culturas Indígenas da UFSCar: estratégia de resistência nos desafios e nas lutas dos(as) estudantes indígenas universitários(as)

Marcos José de Aquino Pereira¹
Jocimara Braz de Araújo Pataxó²
Pedro Manoel da Silva Santos Pankararu³
Claudiana Brazão Lopes Baré⁴
Universidade Federal de São Carlos

Resumo: Este artigo traz um recorte da pesquisa de doutorado intitulada “Processos Educativos do Centro de Culturas Indígenas: indiagem, acolhimento, desafio e conquista na Universidade Federal de São Carlos” que foi realizada junto com 15 estudantes indígenas de 9 cursos de graduação da UFSCar. Nosso objetivo é destacar falas e reflexões que se relacionam aos desafios enfrentados cotidianamente por indígenas no ensino superior, marcados pela diferença e o preconceito, desde o ingresso, passando pelas dificuldades da permanência, até o sonho da formatura, e para alguns(mas) chegar ao novo espaço a ser conquistado da Pós-Graduação. Com isso, abordamos o coletivo indígena como estratégia desenvolvida por eles(as) para o enfrentamento dessas realidades e a afirmação de suas identidades, em que desafio e conquista se tornam uma categoria analítica para abordarmos a presença/ausência indígena na universidade.

Palavras-chave: estudantes indígenas universitários; presença indígena; identidade e diferença.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), pesquisador do Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indiagem Abiyala (NALDEIA) e do grupo de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos (PSPE) e sócio-pesquisador da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana (SPQMH).

² Mestranda em Ciência da Informação (UFSCar), graduada em Ciência da Informação e Biblioteconomia (UFSCar), pesquisadora do Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indiagem Abiyala (NALDEIA) e participante do Centro de Culturas Indígenas da UFSCar (CCI).

³ Mestrando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), graduado em Pedagogia (UFSCar), pesquisador do Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indiagem Abiyala (NALDEIA), participante do Centro de Culturas Indígenas da UFSCar (CCI).

⁴ Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), pesquisadora do Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indiagem Abiyala (NALDEIA), integrante do PET Indígena: Ações em Saúde e participante do Centro de Culturas Indígenas da UFSCar (CCI).

Center for Indigenous Cultures at UFSCar: resistance strategy in the challenges and struggles of indigenous university students

Abstract: This article presents an excerpt from the doctoral research entitled “Educational Processes at the Center for Indigenous Cultures: Being Indigenous, reception, challenge and conquest at the Federal University of São Carlos” which was carried out together with 15 indigenous students from 9 undergraduate courses at UFSCar. Our objective is to highlight speeches and reflections that relate to the challenges faced daily by indigenous people in higher education, marked by difference and prejudice, from admission, through the difficulties of staying, to the dream of graduation, and for some, reaching the new space to be conquered from Postgraduate Studies. With this, we approach the indigenous collective as a strategy developed by them to face these realities and affirm their identities, in which challenge and conquest become an analytical category to address the indigenous presence/absence at the university.

Keywords: indigenous university students; indigenous presence; identity and difference.

Centro de Culturas Indígenas de la UFSCar: estrategia de resistencia en los desafíos y luchas de los universitarios indígenas

Resumen: Este artículo presenta un extracto de la investigación de doctorado titulada “Procesos Educativos en el Centro de Culturas Indígenas: indigen, recepción, desafío y realización en la Universidad Federal de São Carlos” que fue realizada junto con 15 estudiantes indígenas de 9 cursos de pregrado de la UFSCar. Nuestro objetivo es resaltar discursos y reflexiones que se relacionan con los desafíos que enfrentan diariamente los pueblos indígenas en la educación superior, marcada por diferencias y prejuicios, desde la admisión, pasando por las dificultades de permanencia, hasta el sueño de graduarse y, para algunos, alcanzar el nuevo espacio para conquistar en los Estudios de Postgrado. Con esto, abordamos al colectivo indígena como una estrategia desarrollada por ellos para enfrentar estas realidades y afirmar sus identidades, en la que el desafío y la conquista se convierten en una categoría analítica para abordar la presencia/ausencia indígena en la universidad.

Palabras clave: universitarios indígenas; presencia indígena; identidad y diferencia.

A presença indígena nas universidades tem sido marcada nas últimas duas décadas por desafios e conquistas, perpassados pelas interpelações que a sua vinda para o ambiente universitário trouxe e traz, de forma a construir suas trajetórias entre diferença e diversidade, inclusão e exclusão, identidade e racismo, que culminam no paradoxo presença/ausência, de forma que:

O que poderia representar riqueza, potencialidade e possibilidade de inovação político-administrativa, pedagógica, metodológica e epistemológica, a diversidade de línguas, de saberes, de culturas e de tradições indígenas acaba se tornando justificativa para não se implementar políticas públicas e, quando se faz, é quase sempre na perspectiva de homogeneizar processos que inibem e inviabilizam os direitos específicos. (BANIWA, 2019: 21)

Já que, “historicamente falando, a universidade tem dificuldades para lidar com a diversidade. As diferenças tornam-se problemas ao invés de oportunidades para produzir saberes em diferentes níveis de aprendizagem” (FERNANDES, 2012: 1), de forma a permitir que iniciativas como as ações afirmativas possam atuar na “estrutura das desigualdades, objetivando promover equidade entre negros, índios, brancos e amarelos nos bancos universitários, reescreve-se a maneira de pensar, de produzir conhecimento, de ser universidade no Brasil” não se tornando apenas “meras medidas visando mover os ditos inferiores para uma pretensa melhor situação, tendo como modelo os que se classificam como superiores” (SILVA e SILVÉRIO, 2003: 49), diante do que percebemos que:

a universidade ainda não está preparada para a diversidade e não tem contemplado os saberes indígenas nos currículos e no cotidiano, o que faz com que as pessoas indígenas não se sintam parte do todo na instituição. Para além desse sentimento, o desconhecimento da temática indígena na universidade reforça preconceitos e cria situações tensas no dia a dia de estudantes indígenas. (KAYAPÓ e SCHWINGEL, 2021: 13)

Para um melhor entendimento dessa temática, não podemos considerar apenas a presença numérica de indígenas nas universidades e sim aprofundar os questionamentos sobre como vivenciam a experiência do ser indígena na educação superior, o que envolve ouvir as suas vozes.

A pesquisa de doutorado na qual este artigo se fundamenta, contou com 15 participantes-pesquisadores(as) indígenas pertencentes aos povos Atikum, Baniwa, Baré, Kokama, Pankararu, Pataxó, Tariana, Tikuna e Tupinikim e 1 pesquisador não indígena, tendo como objeto de estudo os processos educativos presentes nas práticas sociais do coletivo formado por estudantes indígenas. Por esse coletivo passaram mais de 50 povos indígenas, o que nos desafiou à busca por metodologias que garantissem o reconhecimento dessa diversidade e a promoção do diálogo intercultural, de forma que a metodologia foi construída ao longo da pesquisa, escolhendo e decidindo juntos(as) todos os elementos do pesquisar,

numa aproximação às formas de pensar e de fazer dos(as) estudantes indígenas, do CCI e de seus povos.

Por isso, escolhemos a pesquisa qualitativa participante, valorizando aspectos presentes entre diversos povos indígenas, como a oralidade, a coletividade e a participação (CLAUDINO KAINANG, 2013; KRENAK, 2020) e usamos como métodos para coleta de dados, as rodas de conversa, que lembram as reuniões sentados em círculo no centro das aldeias e também os encontros na sala do CCI⁵; as entrevistas que remetem às conversas ao pé do ouvido, que nas aldeias ocorrem deitados nas redes ou “catando piolhos, contando histórias”, como nos lembra Daniel Munduruku (2019), momentos para tratar de detalhes e aconselhar; e a observação participante, que remete a uma das pedagogias indígenas de se ensinar e aprender observando e fazendo junto com aqueles(as) que sabem e fazem.

Para a análise de dados nos inspiramos na perspectiva dos povos indígenas de que a natureza “ensina a olharmos as coisas como elas são e não como gostaríamos que fossem” (MUNDURUKU, 2019: 36) e por isso utilizamos a fenomenologia que nos leva a irmos “às coisas mesmas” (GARNICA, 1997: 116).

Para descolonizar metodologicamente a nossa pesquisa, buscamos uma metodologia indígena, utilizada na escola indígena Muã Mimãtxi, da comunidade Pataxó de Minas Gerais, o *Tehêy*, desenvolvida por Dona Liça Pataxoop.

Tehêy, uma pescaria de conhecimentos, se inspira na prática de pesca ancestral do povo Pataxó usada por mulheres e crianças (BRAZ, 2019) que consiste no uso de uma rede, que após lançada é *teheada* coletivamente, ou seja, em conjunto selecionam-se os peixes adequados e devolvem para a águas os pequenos. Essa prática motivou Dona Liça Pataxoop, em um “sonho acordada” com Niamisũ⁶ (PATAXOOP, 2022) a criar essa metodologia, na qual se pescam, selecionando os conhecimentos, os valores, os elementos da cultura do povo Pataxó que se quer ensinar, *teheando-os* como desenhos que são usados para contar histórias sobre essas temáticas às crianças, que também vão acrescentando a essa pescaria os seus conhecimentos e vivências e os de suas famílias.

Assim, na nossa pesquisa *teheando* os conhecimentos nas rodas de conversa, entrevistas e observações, selecionando aqueles que consideramos significativos e representativos das experiências e visões dos(as) estudantes indígenas sobre suas vivências no CCI e na universidade.

Neste artigo também *teheamos* alguns trechos desse material, que se referem aos desafios, dificuldades, estratégias e conquistas desses estudantes em sua jornada universitária, sua participação no coletivo indígena, suas lutas na universidade e nas lutas nacionais dos movimentos indígenas das quais também participam.

Como, através deste texto, queremos fazer ouvir as vozes desses estudantes indígenas, trazemos suas falas, em transcrição fidedigna, e para uma melhor organização, após cada fala, indicamos entre parêntesis: (RC1) para as que ocorreram na primeira roda de conversa (RC2) para a segunda, e assim sucessivamente

⁵ Quando a pesquisa foi realizada, o CCI utilizava uma sala que fica na ala Sul da universidade, com estudantes indígenas entrando e saindo, sentados nas cadeiras ao redor de uma grande mesa, no chão, nos cantos da sala, outros(as) usando o computador, e ali conversavam descontraidamente sobre diversos assuntos, sobre provas, trabalhos de seus cursos, sobre demandas do coletivo, bolsa-permanência, contas a pagar, eventos e sobre coisas de suas aldeias e povos, trocando informações e vivências. Atualmente o CCI também utiliza uma sala na ala Norte, mais ampla, na qual a dinâmica é a mesma: são territórios indígenas dentro do *campus*, com pinturas de grafismos nas paredes, objetos de arte de diversos povos e a presença constante dos(as) estudantes indígenas.

⁶ Deus na língua Patxohã (BRAZ, 2019), podendo ser escrita e pronunciada com variações. Dona Liça pronuncia “Nham’mitxú”.

(E1 e E2) para entrevistas e (OP1 e OP2) para as observações participantes, seguidas de numeração que indicam a ordem em que foram ditas. Os nomes são fictícios, impedindo assim a associação das falas aos (às) estudantes indígenas que as proferiram. Para valorizar a sua oralidade, mantivemos a forma como as palavras foram ditas.

Neste material, apresentamos trechos inéditos, que não figuram no texto da pesquisa de doutorado, devido às limitações do tema e do espaço na tese para esse recorte específico, mas compõe os textos integrais transcritos durante a coleta de dados, trazendo informações mais detalhadas e descritivas dos enfrentamentos e resistências dos(as) estudantes indígenas no cotidiano universitário.

Sendo uma das categorias *teheadas* na nossa pesquisa, “Conquista e Desafio” engloba as dificuldades enfrentadas pelos/as estudantes indígenas no seu cotidiano na universidade, as estratégias desenvolvidas por eles(as) para resistir, lutar e superar essas realidades, individual e coletivamente e as suas realizações e conquistas.

A presença/ausência indígena nas universidades: as lutas cotidianas de estudantes indígenas

Segundo os Microdados do Censo da Educação Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2021 ingressaram 46.252 estudantes indígenas, sendo que 63,7% desse total matriculados(as) em IES particulares e 27,3% em IES públicas, representando 0,5% da totalidade de estudantes universitários e 3,3% dos que se declararam como indígenas ao Censo Demográfico de 2022. Em uma comparação em 10 anos, entre 2011 e 2021, as matrículas de indígenas tiveram um crescimento de 374%. Entretanto, se comparado às matrículas de 2019, que foram 56.257, houve uma queda de 17,78% enquanto o número total de universitários(as) aumentou no mesmo período 3,3% (SEMESP, 2023; IBGE, 2022; INEP, 2012; 2022).

Olhar somente avanço numérico nos últimos 10 anos, pode encobrir questões sobre as presença e ausências de estudantes indígenas nas universidades. Essa queda de matrículas indígenas diante de uma estabilidade do número de matrículas totais, observada no período pós-pandemia COVID 19, interrompendo um crescimento constante, é um ponto a ser observado. Outro se refere às desistências e ao total de indígenas que efetivamente conclui o ensino superior.

Muitos fatores impactam na permanência de estudantes indígenas nas universidades, como dificuldades para compreensão, expressão e escrita da língua portuguesa, já que muitas vezes possuem outros idiomas originários como língua materna, a saudade que sentem das famílias, de suas comunidades e modos de vida, estando muitos deles(as) pela primeira vez vivendo na sociedade não indígena (JODAS 2019; LISBOA, 2017; FERRO, 2018; BRITO, 2016; FERREIRA, 2014). Também sofrem com a falta de acolhimento e de apoio, o não reconhecimento de suas singularidades enquanto indígenas no ambiente universitário (HUR, COUTO e NASCIMENTO, 2018), o enfrentamento de discriminação, isolamento e racismo estrutural (ALMEIDA, 2018).

Tudo isso contribui para que a sua jornada na universidade traga sofrimento e desilusão, gerando problemas de saúde física e mental e, finalmente, a desistência e o abandono dos cursos (CASSANDRE, AMARAL e SILVA, 2016; PINO, 2016; BERNAL, 2018; SANTANA, 2019; VELA, 2019), de forma que:

a presença indígena na universidade impõe questões que vão muito além da infraestrutura de permanência — como moradia, alimentação, bolsas, tutorias, que são, por óbvio, fundamentais para suas sobrevivências durante os cursos. Essa presença traz consigo um leque de questões em torno de conceitos como “cultura”, “conhecimento”, “diversidade”, “epistemologia”, tanto no que diz respeito às possibilidades de formação de estudantes indígenas (considerando seus modos próprios de saber), quanto de informação dirigida a estudantes não indígenas sobre temáticas relacionadas aos povos indígenas. (DAL’BO, 2010: 110)

Em que os seus conhecimentos, epistemologias, cosmologias e modos de ser-ao-mundo próprios, são aspectos que se referem ao próprio ser indígena (KRENAK, 2019, 2020; MUNDURUKU, 2019) e às realidades de seus povos, que lutam por sua sobrevivência, pelo seu direito à terra e a sua existência e por sua liberdade de autodeterminação (KOPENAWA e ALBERT, 2015), já que:

A problemática indígena no Brasil teve início com a chegada dos portugueses em 1500 e a sucessiva política de desestruturação das tradicionais formas de organização dos povos originários, o que significou a imposição de novas regras para o funcionamento da vida comunitária e o extermínio de centenas de povos, línguas e conhecimentos, em nome da religião, da civilização e da unidade nacional. (KAYAPÓ e BRITO, 2015: 38-39)

Nesse sentido, Gersem Baniwa (2006: 57) reflete que:

Os povos indígenas sempre resistiram a todo o processo de dominação, massacre e colonização europeia por meio de diferentes estratégias, desde a criação de federações e confederações de diversos povos para combaterem os invasores, até suicídios coletivos. A estratégia atual mais importante está centrada no fortalecimento e na consolidação do movimento indígena organizado.

A educação superior vem sendo entendida pelos povos indígenas e por seus movimentos organizados como “ferramenta para promover suas próprias propostas de desenvolvimento, por meio do fortalecimento de seus conhecimentos originários, de suas instituições e do incremento de suas capacidades de negociação, pressão e intervenção dentro e fora de suas comunidades” (BANIWA, OLIVEIRA e HOFFMANN, 2010: 8), de forma que:

É importante chamar atenção para o fato de que, mesmo considerando o profundo etnocentrismo, eurocentrismo, cientificismo arrogante da ciência e da universidade hegemônica, é necessário, desejável e é direito dos indígenas o acesso a ela. O acesso à universidade traz muitos e indiscutíveis ganhos reais e potenciais, principalmente no campo da cidadania, da consciência histórica, do protagonismo e do empoderamento técnico, científico, político, econômico, cultural e autoestima cognitiva e moral. Tudo isso é necessário e útil não apenas para gerir com maior qualidade seus territórios em contextos cada vez mais complexos, mas também e, sobretudo, para qualificá-los e empoderá-los no diálogo com a sociedade nacional e global e para o exercício pleno de cidadania. (BANIWA, 2019: 66)

Já que a ida de indígenas à universidade tem sido por eles(as) entendida não apenas como uma possibilidade da afirmação de sua identidade étnica, mas também como um instrumento para a busca da garantia e ampliação de seus direitos, apoio em suas lutas e a ocupação de novos espaços, como afirmou Marcos Terena em sua fala no 12º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva: “Precisamos ter índios que se formem médicos, engenheiros, estatísticos, antropólogos. São eles que vão cobrar da sociedade brasileira a política indigenista que não foi feita no passado” (FIOCRUZ, 2018, s/p).

Sendo a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, um marco no reconhecimento da cidadania plena e do direito à diferença para os povos indígenas, garantindo direitos diferenciados, em especial no âmbito educacional

(DAL'BÓ, 2010), o seu acesso à educação superior esteve fora das agendas governamentais até o fim da década de 90, havendo cerca de 500 estudantes indígenas em universidades nesse período (PALADINO, 2012).

A presença efetiva indígena nas universidades brasileiras, especialmente nas instituições públicas, ocorreu com a implantação de ações afirmativas em algumas universidades (PAULINO, 2016), após intensa mobilização e luta dos movimentos sociais, como a elaboração do documento final da I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena (I CONEEI), em 2009, com recomendações ao MEC e ao CNE para que implementassem políticas de acesso e permanência de indígenas nas instituições de ensino superior, reivindicações essas que parcialmente foram atendidas com a promulgação da Lei Federal 12.711/2012 (BRASIL, 2012), que garantiu, em caráter obrigatório, a reserva de cotas, nas universidades federais, de 50% de vagas, para estudantes provenientes das escolas públicas de Ensino Médio, autodeclaradas pretos, pardos ou indígenas e pessoas de famílias cuja renda per capita fosse inferior a 1 salário mínimo e meio (DOEBBER, 2017).

Na UFSCar esse processo de chegada de indígenas como estudantes se deu a partir de 2008, “levantando uma aldeia, uma terra, neste espaço não indígena, fazendo deste espaço também seu” (COHN, 2018: 19), trazendo para a universidade, desde o início, a marca da diversidade:

A primeira coisa que se pode dizer dessa experiência é que a universidade, como um todo, teve que se ver não só com a presença indígena no Brasil, como com sua diversidade. Em salas de aulas, logo em 2008, estavam presentes indígenas do Nordeste, do Centro-Oeste, do Amazonas; indígenas que tinham o português como segunda língua e indígenas que eram monolíngues em português; homens e mulheres; mais jovens ou mais velhos, com famílias constituídas ou constituindo famílias (muitos, aliás, na própria UFSCar); católicos, evangélicos, xamãs ou sem religião professada; nas ciências humanas, exatas e de saúde. (COHN, 2018: 18-9)

Nessa jornada que completa 16 anos, passaram pela universidade mais de 50 povos indígenas, trazendo epistemologias, conhecimentos e formas de ser ao mundo diferentes, marcando sua presença também com eventos por eles(as) organizados, através de seu coletivo, o Centro de Culturas Indígenas (CCI) (AQUINO PEREIRA *et al.*, 2020), alguns deles que depois se tornaram nacionais, como o Encontro Nacional de Estudantes Indígenas (ENEI), que iniciado na UFSCar em 2013 (SILVA PANKARARU, 2020), chegará em 2024 a sua 11ª edição, que ocorrerá em Brasília (WEBER, 2023), tendo sido realizado em diversos estados brasileiros nos últimos anos.

O coletivo indígena surgiu das articulações e reuniões organizadas pelos(as) estudantes indígenas, com a conquista de seu espaço físico, na sala 9 do AT017, no Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH), em 2013 (JODAS, 2019), em que:

O CCI (Centro de Culturas Indígenas) é um coletivo formado pelos estudantes indígenas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com o intuito de fortalecer e reafirmar a identidade cultural, promovendo e garantindo o protagonismo dos povos indígenas presentes na Universidade. (CCI, 2020)

⁷ Assim são chamados os prédios com as salas destinadas às aulas teóricas na UFSCar, sendo AT a abreviatura de Aulas Teóricas. A referida sala do CCI encontra-se então no Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH), no Prédio de Aulas Teóricas 1, na sala 09, que é a primeira, logo à entrada, do lado direito, em uma área arborizada, como o é todo o campus de São Carlos.

Desafios e conquistas de ser estudante indígena em uma universidade

A categoria “Conquista e Desafio” surgiu da fala de Wainambi: “o que é ser estudante indígena nas universidades? Eu... o... as 2 palavras que veio, assim, na minha cabeça, foi: É... conquista e desafio” (R2, 42).

A própria Wainambi explica sua visão, detalhando:

Porque tá dentro da universidade é muito difícil né, porque a gente sai de uma realidade nossa, pra a gente viver, pra gente ir para um espaço onde a gente não conhece né, e a gente acaba chegando e enfrentando muita coisa, assim, que muitas vezes, assim, eu me pergunto sabe, eu sempre me perguntei também, será que a universidade está pronta para receber os estudantes indígenas? Eu acho que isso é muito importante, assim sabe, a universidade se auto perguntar, porque muitas vezes, assim, a gente encontra né, como nos relatos dos parentes aí que eu ouvi, os professores ainda, tem muitos professores ainda, que não estão preparados né, pra receber os estudantes indígenas, mas assim, a gente tem uma linha também de professores que... que já conhece, sabe, a realidade dos estudantes indígenas, da população indígena, e a gente estando dentro... dentro da universidade, ocupando o nosso espaço, já é uma conquista. Por quê?

Porque a gente tá... a gente, durante o nosso percurso, do nosso curso, a gente tá desconstruindo questões que são abordadas sobre nós povos indígenas, que muitas vezes é ensinado, né, nas escolas, que muitos não indígenas não conhece, e conhece aquela... aquele... vamos dizer, aquela história aí, que eles tão acostumado de escutar, né, em suas escolas. (R2, 37)

Os desafios se apresentam de diferentes maneiras, já no momento do ingresso, com as dificuldades enfrentadas para a realização do vestibular indígena, como apontado por Pucrêon, em que os(as) candidatos(as):

Muitos, 15 dias antes, uma semana antes, três dias antes, pra chegar aqui e ficar acomodado. É... vinham pra cá fazer o vestibular e, infelizmente, desses alunos, muitos não tinham condições de retornar após o vestibular. Eles faziam vestibular em dezembro, e geralmente era em dezembro, e eles ficavam aqui o ano todo... é... o resto do mês, até sair o resultado do vestibular na esperança de ser aprovado e já ficar por aqui mesmo. (RC3, 8)

Após a aprovação no vestibular, Watiká recorda as dúvidas que teve em decidir se viria ou não para a universidade:

Quando eu... eu passei pela universidade né... para vim para cá, eu tava passando por um momento muito difícil [...] eu fiquei assim: “e agora?” Não, eu venho para a universidade, né? É lutar, com certeza! Também não... eu sabia que não ia ser fácil, né.

Então, aí eu fiquei pensando, será que eu vou? Não. Eu vou deixar, eu vou deixar, né... Meus irmãos pequenos, para... que eu não tinha como trazer, eles comigo, né... não tinha condições também de trazer... de trazer. Mas se eu tivesse condições, com certeza eu teria, sei lá, né? Estariam aqui comigo, né? E aí então, é... é... foi um momento assim de... que fiquei com muita dúvida, que eu não sabia eu... eu... foi difícil, eu... eu aceitar, né?

Eu vim. Eu queria, vim só aqui também. Sem esse problema, né? Então, quando eu vim para cá, eu, eu cheguei aqui alegre, só que eu estava assim, mais triste do que alegre, né? (E2, 1)

Também se apresentam na forma de cobranças pelo bom desempenho acadêmico, vindas de diversos âmbitos e sentidas pelos(as) estudantes indígenas, como apresentado por Kandara:

Eu vejo o desafio da universidade da UFSCar mesmo, que a gente também sai da nossa... nossa comunidade, tudo a gente tem que trazer o retorno para a comunidade, tem a cobrança dos nossos pais, tem a cobrança da coordenação, da CAAPE, tem a cobrança dos professores, a gente é cobrado de todo lado. Então eu cobro de mim

mesma também, quando eu não consigo tirar uma nota, nota baixa me cobro de mim mesma também. (RC2, 22)

Dentre as dificuldades citadas pelos(as) estudantes indígenas, a mais recorrente é o preconceito sentido por eles(as) por parte de não indígenas, em que são lembradas diversas situações constrangedoras e discriminatórias, que são enfrentadas rotineiramente e os(as) desmotiva, narradas por Pucreon: *“Dentro desse curso que eu fiz o primeiro ano da... da ciência da computação, eu sofri diversos preconceitos possíveis”* (RC3, 9), por Ítôlóky: *“Só que as pessoas também têm um certo preconceito lá dentro né? Apesar de tudo, não muda, apesar do ambiente ser universitário, não muda com a sociedade em si, tem muito preconceito ainda em tudo que tá ali fora”* (RC2, 15) e por Pajé:

Existe sim um preconceito dentro... dentro dos nossos próprios cursos em relação ao ser indígena, por que ele está ocupando aquela vaga? Muitas pessoas não entendem ainda que o indígena, ele não entra para a gente indígena da UFSCar, não entra pela cota do... do SISU. A gente entra pela reserva de vaga. Então vai entrar aqueles 2 estudantes, vai entrar 2 estudantes no curso? Vai, mas é uma reserva diferente do... de cotas, então muita gente assim, ele é... ele é cotista e a gente... que eu não me considero uma pessoa de cota, eu me considero uma pessoa que está ocupando a minha vaga. (RC2, 4)

Ítôlóky relata a sua vivência, enquanto indígena na cidade, sobre a sua percepção do preconceito de colegas não indígenas pelos seus traços físicos que o associam à indígenas de outro país, inviabilizando os indígenas daqui e ao que chama de “preconceito velado”:

Também passei por essa situação né, de colegas e amigos chamaram eu, por exemplo, de Evo Morales, né, tipo que é um cara que é da Bolívia né, então muitas vezes, eu percebi que tem essa exclusão né, de tipo, de que não existe indígenas aqui no Brasil e a pessoa vê a aparência de outra e é configurada naquele país né. [...] você estando na cidade, a pessoa falar: você está na cidade e você ainda é indígena? Tipo, como se fosse uma descaracterização lá embaixo, sabe? Uma inferiorização muito ridícula né, no meu ponto de vista, e como é ser estudante né... na UFSCar, eu acredito que, acho que não só na Universidade Federal de São Carlos, mas em outras universidades, que há um preconceito muito velado, sabe, que quem... quem já sofreu sabe o que é preconceito, então eu testemunhei e vivenciei também né, apesar de ser ingressante de 2020. É... é... de uma forma muito sutil né, e pra mim, também tá sendo extremamente desafiador né, porque, pelo ENPE⁸, né, a gente vê essas... essas dificuldades de formar grupo, né, e me identifiquei também com os outros relatos pelos outros estudantes porque é difícil né, e você parece que tem que comprovar 2 vezes que você, tem que ter um... que você é diferente, sabe? (RC2, 46)

Pajé percebe a sobreposição de preconceitos, por ser ao mesmo tempo indígena e nordestino: *“eu venho de outro estado, está aquele... aquele preconceito, tanto de quem já é estudante indígena, quanto não indígena: “por que ele saiu lá do Nordeste para vir estudar pedagogia no São Paulo?”* (RC2, 5).

Também registram percepções de atitudes preconceituosas durante as aulas, como narra Ítôlóky: *“o professor disse: estamos com dois indígenas aqui, que é o (...)”, amigo meu e eu. Aí tipo foi aquele sabe, que parece que você tá no zoológico? Assim um bicho que todo mundo olha, assim”,* o que também é narrado por Pucreon:

Dentro desse curso que eu fiz o primeiro ano da... da ciência da computação, eu sofri diversos preconceitos possíveis. (...) Tipo, porque era como eu falava, tudo que eu sou,

⁸ Ensino Não Presencial Emergencial da UFSCar, período letivo para oferta de atividades regulares, exclusivamente por meios virtuais, dos cursos presenciais de graduação da UFSCar, ocorrido durante a pandemia causada pelo COVID-19, entre 2020 e 2021.

⁹ Nome suprimido para preservar o anonimato da identidade da pessoa citada.

os meus conhecimentos, era limitado dentro da minha aldeia. Eu me... eu me autoafirmava indígena lá porque eu nasci lá, eu me criei lá, meus avós, bisavós, tataravós são tudo de lá, é... (...) Aí quando eu cheguei aqui na universidade, eu quando cheguei no meu curso, no meu primeiro dia de aula, é... meu primeiro dia de aula teve um professor que falou: nossa! Temos um aluno indígena dentro da nossa sala! Aí todo mundo, um olhando pro outro, olhando pros cantos. Cadê esse aluno? E eu lá no fundo, sentado. Ele: levante-se, por favor! Aí eu levantei. Quando eles olharam para mim eu... eu vi sorrisinhos de lado, vi pessoas fazendo assim com a cabeça, tipo... (RC3, 9)

Ele narra que sofreu preconceito por ter traços físicos diferentes do estereótipo que se tem de indígenas:

Quando se fala de indígenas, o povo fala de um ser, de um... desculpa, mas o... de um ser silvícola, né? Aquela pessoa que vem do mato, que não sabe de nada, que... que olha para o... olha assim, vendo aquele prédio enorme, matutão. Mas não é isso! É que infelizmente, é... as mídias, o governo, até mesmo as escolas, elas passam a imagem de... dos indígenas, infelizmente, serem pessoas que provém do mato, né, digamos assim. Eles... eles acham que indígena não pode ter um celular, não pode ter, é... não pode ter, estar inserido dentro da sociedade, né. Acha que índio já tem que tá lá no mato, tem que tá lá na... no mato. Tem que tá vivendo aquilo, ou seja, o lugar deles é ali. Mas não. A gente, é... além de tudo, somos pessoas e temos o direito de estar onde nos convém e onde a gente tá aqui é um direito nosso, até porque a gente tava aqui primeiro, né, na colonização.

Aí, infelizmente, é isso que... que as pessoas ficam com aquela coisa na cabeça, que aí quando você diz indígenas já imagina, já imagina uma pessoa de pele acobreada, olhos puxados, cabelos lisos. E não é isso. Se hoje eu tenho essa aparência é porque, tipo, eu sou fruto de uma colonização extrema, né. Meus antepassados foram vítimas de estupro, de... de várias perseguições, assim, que hoje, tipo, eu falo mesmo, eu sempre falo que se os indígenas do Nordeste têm essas aparências são criolos, né, são, é... mistura de negros com indígenas, é porque a gente foi lá onde começou a colonização, os... os navios atracaram lá e os indígenas que foram evacuando, se espalhando, fugindo, foram se afastando mais ainda. Não é à toa que a região norte do país ainda tem essas características de indígenas. (RC3, 13)

Percepção essa também presente na fala de Ybyrá:

Essa coisa do estereótipo está impregnada mesmo. Eu também como sou de etnia que é do litoral tivemos contato né e meu pai é indígena e minha mãe é negra, então quando se fala que eu sou indígena, às vezes alguém pergunta: “mas porque você não tem cabelo liso?” Aí tem que explicar toda a história. E a gente sabe que a gente precisa lutar para que isso acabe né, porque às vezes é até constrangedor você ter que é... reafirmar que você é indígena só por causa da sua aparência física, né? (RC3, 16)

Situações de constrangedoras de comparação entre o desempenho de estudantes indígenas e não indígenas em sala de aula, como relembra Atere:

Foi uma prova que eu fiz, também de escrita, e assim, eu tinha escrito né, as minhas questões na prova e tal, dando uma explicação e às vezes, é tipo assim, não tava tão diferente da prova de outra menina né, que é branca digamos assim, é... a menina tinha tirado uma nota maior que... que eu, né? E ela tinha me dado 5 e a menina tinha ganhado 9, aí quando a menina foi corrigir ainda algum erro na prova dela, a professora olhou para mim, pegou a prova da menina e falou: você tem que ser desse jeito aqui ó... como ela. Aí eu fiquei tipo... mas tá tipo, a mesma coisa, só que com palavras diferentes que tem mais. E foram esses momentos assim, que foram bem marcantes na minha vida ali, que me deixaram bem constrangida, inclusive. (RC2, 29)

Também registramos relatos quanto às dificuldades relacionadas às metodologias usadas nas aulas, que desconsideram as singularidades das diferentes culturas dos povos a que pertencem os(as) estudantes, os diferentes percursos edu-

cativos pelos quais passaram, alguns(mas) vindo de escolas indígenas com educação diferenciada e tendo que lidar com uma realidade para a qual não foram preparados(as), como relatam Kandara:

Mas pra mim foi bem desafiador, assim, essa questão de fazer trabalho em grupo. Você não é treinado pra, primeiro você estar em público. Assim a gente... a gente como indígena é... a gente, eu me considero também muito tímida. E então não foi trabalhado isso em mim, nem no ensino médio né, que eu estudei. (RC2, 19)

E Atere:

quando foi apresentar o trabalho, as meninas falaram né, algumas ainda faltavam, outras, chegou a minha vez assim, quando chegou a minha vez, a minha professora em si, ela começou a questionar cada coisa que eu falava, pedindo uma explicação sendo que eu estava explicando. Ela me interrompia toda vez que eu tava falando, para me explicar de novo no que eu tava falando, porque tipo, ela queria que eu falasse, tipo em termos científicos, que às vezes eu tenho palavras que eu não consigo falar né, mas eu estava tentando falar de uma forma entendível, que ela conseguiria entender. Só que assim, é... às vezes, teve horas que ela mudou de assunto, pedindo explicações e mais explicação e não deixava eu falar. Isso na frente da turma inteira, né? E quando eu fui tentar, tipo, explicar alguma das perguntas que ela tinha feito, ela mandou eu dar continuidade no seminário, né? Pra mim, tipo, me interrompeu um monte de vez e quando eu fui tentar explicar ela não... só mandou continuar. E para mim na hora assim foi muito constrangedor né, porque, tipo, meu Deus, eu estou tentando, tipo assim, na minha cabeça, assim, nossa! As pessoas... está aqui nesse momento aqui, estão achando que eu sou burra né, porque eu não estou sabendo explicar, porque não sei isso, porque não sei aquilo. E foi um momento, assim, marcante na minha vida universitária, que que até hoje ela me disse e faz com que... sabe, às vezes tem receio de alguns professores por ter esse tipo de atitude também, e... de não compreender algumas coisas. Mas algumas coisas eu relevo né, porque também alguns professores às vezes não... Não tem muita informação, né? E depois de um tempo, que ela veio conversar comigo, já e perguntar se eu era de algum lugar né, aí eu falei que eu era do Amazonas e que eu também era indígena porque, gente! A gente tem dificuldade sim, mas a gente tenta fazer o máximo que pode, né? (RC2, 28)

Dificuldades essas que, ao não serem identificadas e atendidas, levam a reprovações, e, em muitos casos, à desistência e abandono do curso pelo(a) estudante indígena, como afirma Pucréon: “*eu tive muitos amigos que infelizmente, eles é... evadiram dos cursos por ‘n’ fatores*” e como relata Kandara:

Ele falava também, queria desistir por causa de uma disciplina que ele fez, acho, que fez várias vezes e não conseguiu passar, tem outros alunos aí também fizeram disciplinas e que ficaram martelando naquela disciplina, e que leva já te desmotivando, né, porque você não tem um outro acompanhamento e tudo né? De um psicólogo, de um orientador: Por que você está tendo dificuldade nessa disciplina? Vamos buscar isso mesmo que a gente tenha tutoria, mas tem coisas que acabam não chegando na coordenação, sabe, ou que têm indígenas que têm essa dificuldade mesmo, de chegar para o outro e falar. (RC2, 32)

Também é mencionada a luta diária dos(as) estudantes indígenas, através de sua presença na universidade, contra as visões preconceituosas sobre os povos originários que estão disseminadas na sociedade não indígena, muitas vezes sendo produzidas e/ou reforçadas pelo sistema educacional:

Porque a gente tá... a gente, durante o nosso percurso, do nosso curso, a gente tá desconstruindo questões que são abordadas sobre nós povos indígenas, que muitas vezes é ensinado, né, nas escolas, que muitos não indígenas não conhecem, e conhecem aquela... aquele... vamos dizer, aquela história aí, que eles tão acostumado de escutar, né, em suas escolas. (RC2, 42)

Além de tudo isso, a questão da permanência se torna um fator de desafio para os(as) estudantes indígenas, na medida em que sua subsistência se vincula

às ações afirmativas e bolsas, como foi registrado em diversos momentos nas reuniões do coletivo, inclusive sobre o receio de perder uma dessas bolsas: “*Também foi comentado a respeito do Bolsa Permanência e a preocupação de todos/as com a sua redução e/ou o seu corte*” (OP2, 4), e a mobilização que estavam fazendo sobre isso:

Pucreon então falou do I Fórum Nacional de Educação Superior Indígena e Quilombola (FNESIQ) que abordará a questão da Bolsa Permanência e ocorrerá em Brasília entre os dias 4 e 8 de outubro de 2021, lendo o comunicado de divulgação do evento. Em seguida falou da importância da mobilização na UFSCar e com outras universidades, especialmente em relação aos/às ingressantes 2020 e 2021, sobre a Bolsa Permanência. (OP1, 3)

Outra situação relatada está ligada à pressão sentida por eles(as), por parte de não indígenas, para retornarem às suas comunidades tão logo concluem os cursos, como diz Atikum Umá:

Mas aí, assim essa coisa que primeiro as pessoas perguntam: “quando você se formar você vai para onde?” Se eu voltar para a aldeia... Quer dizer a esse tipo de pergunta eu direciono: então como é que eu vou querer também participar da pesquisa para graduar, pra Pós, se já estão dizendo que eu tenho que terminar e ir embora? Condição, porque acaba, de forma indireta, fica na mente do estudante: só vem para aqui terminar, não posso me interessar em pesquisa, por que, para que eu vou pesquisar, para quê? Vai significar o que pesquisar? (RC1, 2)

Essa realidade leva a um outro âmbito de dificuldade para a presença indígena, a Pós-Graduação, como apontado por Itan’y:

Muitos indígenas que focam tanto naquele negócio de formar e seguir aquela carreira profissional, porque a gente já entra no curso com essa pressão em cima de nós, que é formar, formar, e ter que voltar para a comunidade assim que formar e às vezes acabam... não acabam percebendo que o, que o estudante indígena, acaba se interessando pela pesquisa, quer fazer um mestrado, um doutorado. É... publicar artigos, mas além da gente também ter que ouvir isso, isso dentro da... da comunidade, também tem que enfrentar isso na própria universidade né? Que é esse negócio: “tá, mas você pensa em fazer uma pós-graduação? No que você quer fazer uma pós-graduação?” (RC1, 5)

Além disso, a dimensão econômica para a permanência já apontada em relação à Graduação também é manifestada por Pajé como um entrave na Pós-Graduação, com a ausência do acesso ao Bolsa Permanência:

para fazer Pós você precisa de bolsa, a gente está aqui porque tem um programa de permanência, que isso facilita a gente terminar a graduação. Terminou a graduação ou você vai pro mercado de trabalho para você poder suprir a sua família, que criam expectativa em cima de você e se você ficar para um mestrado, para o doutorado, tem que ter bolsa. (RC1, 3)

Entretanto, a ida de estudantes indígenas para a Pós-Graduação é vista como um caminho a seguir por eles(as) na busca por novos espaços no ambiente universitário, como podemos ver na afirmação de Pucréon que disse: “*É necessário conquistar espaços na universidade e a Pós-Graduação é um deles*” (OP2, 4).

Essa perspectiva de encarar as adversidades e lutar pelos espaços, diante de situações de preconceito e exclusão, está presente em relatos que falam sobre estratégias dos(as) estudantes indígenas para o enfrentamento disso, como nos diz Pajé:

Porque se você é um indígena e senta lá no fundão logo você vai ser um... você corre o maior risco de ser um indígena excluído. Então é sempre bom conversar com... eu sempre converso com quem entra da minha área e até com as pessoas estão próximo

a mim, na frente, se você não tá entendendo, não tá, não tá entendendo que o professor tá falando, mas você tá na frente, porque no momento que o professor fala: formem um grupo, você vira a cadeira pro lado do colega e já fica ali no grupo. Porque se você ficar lá atrás, acho que quando você senta lá no fundo e a professora fala: formem um grupo todo mundo olha para o lado e faz um grupo. E aí eu acho que o maior constrangimento do indígena hoje é quando o professor é obrigado a colocar o indígena num grupo. (RC2, 27)

E no relato de Kuweda, que ao tomar a palavra se apresenta, destacando suas diferenças em relação aos(as) estudantes não indígenas de sua turma: os traços físicos, seu local de origem e o pertencimento ao seu povo, além de ressaltar seu ingresso diferenciado, via ações afirmativas:

No meu primeiro dia de aula, eu falei: não. Vou me apresentar pra todo mundo. “Falar: ó, minha pele, sou do Amazonas, sou do povo Baniwa, entrei aqui através das ações afirmativas, não prestei o ENEM como vocês”. Então já me posicionei ali naquele momento. Eu sempre fui uma pessoa muito calma, tímida em alguns momentos, mas assim, quando eu vejo que a necessidade de falar, eu falo. (RC2, 38)

Pucreon fala sobre o apoio e orientações dadas por estudantes indígenas veteranos para os(as) ingressantes sobre como enfrentar essas dificuldades: *“tinha aqueles indígenas que sentavam, conversavam, falavam como é que você tem que, assim, como tem que se portar: ‘você não pode falar isso, você não pode ser assim’, ensinava a gente se defender” (RC3, 10).*

Pajé manifesta sua percepção sobre o seu papel de resistência na universidade, no combate ao preconceito, e na importância dos eventos realizados por estudantes indígenas, através do CCI:

Eu como estudante indígena da UFSCar, eu vejo que, hoje, é mais que fundamental eu estar ocupando aquele espaço dentro do meu curso, porque quando entrei, eu entrei junto com outra pessoa, outra estudante, que... de outro estado. E foi fundamental entrar com outro estudante, que mesmo a gente não se conhecendo, a gente tinha histórias semelhantes estão a gente se encontrou dentro do curso, de uma forma que hoje eu entendo que é fundamental a minha participação lá, tanto para a forma minha formação tanto para a formação dos... dos professores e dos colegas, que com começaram a reconhecer que os indígenas eles têm uma pluralidade e um contexto histórico que cada um vai trazer para dentro do curso. Então vai ampliar o conhecimento, tanto dos professores como dos alunos, que vão começar a ter conhecimento do indígena, principalmente quando a gente faz os nossos eventos como a Semana Indígena, porque a gente divulga nosso evento dentro do grupo da sala e até no próprio departamento. (RC2, 3)

Sobre o coletivo de estudantes indígenas e sua função, tema a percepção de Itôlókya: *“o CCI representa para mim é um conjunto de forças que vêm de vários estados né, de experiências né, de vivências então isso é muito forte para a gente. É um coletivo que ajuda a enfrentar as dificuldades que a gente vê no dia a dia na universidade” (II, 47).* E como diz Tsayra:

Mas com o coletivo a gente vai se fortalecendo, a gente vai vendo, conversando e vai é se organizando, como coletivo. E vejo que com o CCI a gente tá aí para poder nos fortalecer. E também, é... buscar alternativas para a permanência né, porque é um dos nossos objetivos é ingressar, permanecer e se formar, né, porque tudo isso que que nós falamos aí, das dificuldades, é tudo isso que impede da... da nossa formação, e por isso que a defasagem né, a perda de ingressos, pra ficar dessas dificuldades, então nosso coletivo tá aí para poder buscar alternativa e ajudar esses estudantes a superar dificuldades. (RC2, 52)

O que é reforçado por pajé, ao afirmar:

em relação ao CCI, ele é fundamental, que ele é a chave que vira para você se encontrar dentro da UFSCar, porque a gente recebe um acolhimento do CCI pra quem está chegando e esse acompanhamento, ele vai, o CCI vai acompanhar a gente do começo

ao fim do... do curso, independente de quem vai estar como representante, então já... já existe um papel bem fundamental nessa área que o representante. (RC2, 7)

E é apontado por Watiká como fonte de apoio, de acolhimento, que a ajudou a permanecer na universidade quando pensou em desistir:

Eu, como eu cheguei a comentar com certas pessoas, assim né dizendo assim, que quando estava na metade do meu curso, né, na... no primeiro ano, tinha passado o primeiro semestre de 2019, e aí eu cheguei a comentar (...): “Porauá, eu acho que eu vou desistir do meu curso”. (...) eu falei para ele que eu não estava conseguindo estudar. Eu lembro assim que das pessoas do CCI que eu... que eu procurei, todos eles assim, me apoiaram. Todos eles me estenderam a mão. Nenhum deles, assim, me colocou mais pro fundo do poço, nenhum deles me julgou, nenhum deles me deu uma palavra negativa, né? (E2, 2)

O papel que o coletivo tem como grupo representativo dos(as) estudantes indígenas junto aos órgãos da universidade, sobre suas demandas, ficou registrado em uma reunião do CCI na qual: *“Porauá destacou as cobranças que têm sido feitas pelo CCI nas reuniões com a universidade sobre a falta de conhecimentos indígenas no currículo e que a temática escolhida ia ao encontro dessa reivindicação dos(as) estudantes indígenas”* (OP1, 6).

As aprendizagens que a participação no CCI produzem, são destacadas por Itan’y, como a indiagem, categoria revelada na pesquisa, que se refere ao sentimento de pertencimento, identidade, ligação e parentesco com todos os indígenas, sem anular o pertencer ao seu próprio povo: *“fiz parte do CCI em 2019 também como uma das representantes e aprendi muito, com certeza, o papel que indiagem tem pra gente, ela é muito importante porque se ela não fosse, muitos de nós não estaria hoje ocupando esse espaço”* (RC2, 41)

A presença indígena nas universidades é vista como potencialmente transformadora, ao se contrapor às lógicas de preconceito e racismo persistentes ali, como manifesta Atere: *“A meu ver, ser estudante indígena é a continuação de batalhas, digamos assim, tanto fora quanto dentro da universidade, né. Porque a gente... é... seguindo esse caminho, vem tentando quebrar, ter aquela quebra de estereótipos que a sociedade coloca sobre o indígena”* (RC2, 11), de forma que, assim como os(as) indígenas buscam se adaptar ao ambiente diverso dos seus, trazendo consigo uma perspectiva de respeito às diferenças, como afirmar Atere:

Pessoas que entram na universidade pública tem que saber que ela é diversificada, tem pessoas de tantas culturas diferentes e a gente como indígena também, a gente tem que se habituar aquele ambiente, né, porque não é o nosso... nosso ambiente materno, que a gente sempre conviveu. Tem que se adaptar em várias questões, tipo clima, horário, porque tem pessoas de outras regiões que têm um horário diferente do outro, e a gente também aprende a se comunicar, né, com aquelas outras pessoas que estão ali dentro da universidade não só a gente deveria ter esse pensamento, mas como os outros ali, né. (RC3, 47)

Considerações

Ao refletirmos sobre as falas apresentadas, percebemos a sobreposição de preconceitos que os(as) estudantes indígenas vivenciam em sua jornada pela educação superior, enfrentando diversas camadas de racismo simultaneamente e resistindo através de estratégias como no coletivo Centro de Culturas Indígenas da UFSCar na qual criam redes de apoio e de reafirmação de suas identidades.

Vemos que a categoria emergida de nossa pesquisa “Conquista e desafio” nos ajuda a entender a complexidade envolvida no ser indígena na universidade, de forma que a resistência individual e coletiva desses(as) estudantes, manifesta e

atualiza as lutas indígenas históricas por seus direitos, diante do que o ensino superior se torna mais um campo de enfrentamento para a revisibilização, retomada, reconhecimento e reconquista de espaços físicos e simbólicos da presença indígena.

Vários são os desafios apontados por eles(as) em suas falas, desde as dificuldades para o ingresso, com as decisões sobre deixar as suas comunidades e famílias para ir morar longe, a adaptação à universidade e à sociedade não indígena, os entraves dos preconceitos étnicos e raciais que vivenciam, por serem indígenas, por terem que provar que são indígenas de verdade, por terem traços físicos associados ao estereótipo indígena, por não ter esses traços, por serem nordestinos(as), negros(as), pelo modo de falar, por nem sempre terem como primeira língua o português, pelas diferenças entre suas culturas e as culturas não indígenas, a exposição ao serem apontados como se fossem uma atração exótica.

Variadas também são as formas de exclusão por eles(as) relatadas, as explícitas, ao serem tratados(as) como incapazes, nos obstáculos para permanecerem na graduação e para ingressarem na Pós-Graduação; e as veladas, sutis, perceptíveis apenas para quem as sofre, como as dificuldades na hora de formar grupos nas aulas. Alguns(mas) encontram dificuldades nas metodologias utilizadas, para as quais não foram preparados(as) ou que não dialogam com suas culturas, ou na escrita em língua portuguesa, que não é a sua língua materna e são repetidamente reprovados(as) nas disciplinas.

Também inferimos que a falta de temáticas indígenas nos currículos, o não reconhecimento das epistemologias dos povos originários e a invalidação e invisibilização de seus conhecimentos no ambiente universitário e no meio acadêmico, são fatores que impactam nos percursos dos(as) estudantes indígenas na graduação.

Diante de tudo isso, muitos(as), após passarem por sofrimentos e angústias, desmotivados(as), sem se sentirem apoiados em suas demandas e necessidades, acabam desistindo e abandonando os seus cursos. Outros(as) encontram estratégias de sobrevivência a essa realidade, individuais e coletivas, que se fundamentam em sua identidade, no ser indígena.

Entendemos que esse é o elemento central de sua resistência na universidade, tornar a diferença, usada pela lógica racista para excluir, como fonte de reafirmação de sua identidade, do ser indígena, ou como eles(as) manifestaram na pesquisa, de sua indiagem. Nessa indiagem se unem e se fortalecem, sem deixarem de pertencer aos seus povos, e materializando essa força da unidade na diversidade, criam o coletivo de estudantes indígenas, o Centro de Culturas Indígenas, estratégia coletiva de apoio mútuo e representatividade.

Percebemos assim, que diante dos desafios na jornada dos(as) estudantes indígenas na universidade que se mostram múltiplos, desde a saída da suas comunidades até os processos de adaptação nesse novo contexto, além de se graduarem sentem uma necessidade de ocuparem todos os espaços dentro e fora da universidade, buscando sempre reafirmar a identidade do seu povo e representar todos aqueles(as) que permanecem em suas aldeias, assim como a sua ancestralidade, que ultrapassa as diferenças de língua e de cultura, no sentimento de parentesco entre todos os(as) indígenas.

Essa resistência, ao ocupar espaços e demarcar esse território universitário, tem no Centro de Culturas Indígenas um ponto de encontro e de fomento de ações que ao mesmo tempo os(as) apoiam em seu cotidiano e fortalecem a presença indígena em outros espaços, ampliando a luta e reafirmando para a universidade, nos departamentos de graduação, nos conselhos universitários e em programas

de pós-graduação, que os(as) estudantes indígenas vão continuar buscando espaços que lhes foram excludentes por muito tempo.

Duas dessas ações, que surgiram como resposta às demandas apresentadas pelos(as) estudantes indígenas em nossa pesquisa de doutorado, são: o projeto “Aldear a Pós da UFSCar”, iniciado em outubro de 2022, que visa apoiar e incentivar o seu ingresso na Pós-Graduação, através de oficinas de elaboração de projeto de pesquisa, orientações individuais, monitoramento e apoio na inscrição em processos seletivos, auxílio na preparação para entrevistas, entre outras; o grupo de pesquisa “Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indigeneza Abiyala” (NALDEIA), criado em junho de 2023, dedicando-se ao estudo de autores(as) indígenas, à pesquisa sobre temáticas indígenas, realização de eventos acadêmicos e à produção e publicação de artigos escritos por estudantes indígenas. Como frutos iniciais, tivemos o ingresso de três estudantes indígenas na Pós-Graduação da UFSCar, sendo um no Programa de Ciência da Informação, a primeira indígena a cursá-lo e dois no Programa de Educação, o qual não possuía pesquisadores(as) indígenas desde 2017.

Consideramos enfim, que a presença indígena efetiva se dá através dessa ocupação de espaços, não apenas numericamente mas também epistemologicamente, com a transformação de estudantes indígenas em pesquisadores(as) indígenas, com o registro e a difusão de seus conhecimentos e dos seus povos academicamente, com o ingresso de professores(as) indígenas nas universidades, inclusão de conteúdos e temáticas dos povos originários nos currículos, juntamente com políticas públicas e ações efetivas das instituições para o combate aos preconceitos, especialmente o racismo, promovendo o respeito à diversidade e com a implementação ou ampliação de estratégias exitosas de apoio a sua permanência, que dialoguem diretamente com as necessidades expressadas por eles(as), permitindo que sejam cada vez mais protagonistas de suas histórias, que como a de seus povos é de resistência e resiliência a tantas violências, transmutando desafios em conquistas.

Recebido em 28 de fevereiro de 2024.

Aprovado em 20 de agosto de 2024.

Referências

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- AQUINO PEREIRA, Marcos José de et al. *Processos Educativos do Centro de Culturas Indígenas: indiagem, acolhimento, desafio e conquista na Universidade Federal de São Carlos*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de São Carlos, 2022.
- BANIWA, Gersem José dos Santos Luciano. *O Índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. LACED/Museu Nacional, 2006.
- BANIWA, Gersem José dos Santos Luciano. *Educação escolar indígena no século XXI: encantos e desencantos*. Rio de Janeiro: Mórula, Laced, 2019.
- BANIWA, Gersem José dos Santos Luciano; OLIVEIRA, Jô Cardoso; HOFFMANN, Maria Barroso. *Olhares indígenas contemporâneos*. Brasília: Centro Indígena de Pesquisas (CINEP), 2010.
- BERNAL, Jorge Isidro Orjuela. *Indígenas, Cosmovisão e Ensino Superior: [algumas] tensões*. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2018.
- BRASIL. *Lei 12.711*, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 29 ago. 2012.
- BRITO, Patrícia Oliveira. *Indígena-mulher-mãe-universitária o estar-sendo estudante na UFRGS*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.
- BRAZ, Werymehe. *Tehey de pescaria de conhecimento. Percurso acadêmico, Licenciatura em Formação Intercultural para educadores indígenas*. Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.
- CASSANDRE, Marcio Pascoal; DO AMARAL, Wagner Roberto; DA SILVA, Alexandre. Eu, Alex, da etnia Guarani: o testemunho de um estudante indígena de administração e seu duplo pertencimento. *Cadernos EBAPE.BR*, 14 (4): 934-947, 2016.
- CCI. *Centro de Culturas Indígenas da UFSCar*. Home, 2020. Disponível em: <<https://cciufscar.wixsite.com/ufscar/>>. Acesso em: 4 de jul. 2020.
- COHN, Clarice. Uma década de presença indígena na UFSCar. *Campos - Revista de Antropologia*, 17 (2): 15-34, 2018.
- DAL'BÓ, Talita Lazarin. *Construindo pontes: o ingresso de estudantes indígenas na UFSCar: uma discussão sobre “cultura” e “conhecimento tradicional”*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de São Carlos, 2010.
- DOEBBER, Michele Barcelos. *Estudantes indígenas nas graduações da UFRGS: movimentos de re-existência*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

FERNANDES, João André Tavares. Uma reflexão sobre a diversidade cultural na universidade: respeito às diferenças. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, 17 (1): 1-9, 2012.

FERREIRA, Rosane Caminsk. *Os estudantes indígenas em cena: a memória coletiva sobre a inclusão na universidade*. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Bens Culturais), Centro Universitário LaSalle, 2014.

FERRO, Larissa Ferreira. *A presença/ausência do índio na pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe: entre tensões e o direito de seguir além da aldeia*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Sergipe, 2018.

FIOCRUZ. Eu posso ser quem você é sem deixar de ser quem eu sou: um debate sobre demografia e saúde dos povos indígenas. *Informativo* [on line], Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, 2018.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. *Interface: comunicação, saúde, educação*, 1 (1): 109-22, 1997.

HUR, Domenico Uhng; COUTO, Maria Luiza Bitencourt Silva; NASCIMENTO, Joab Silva do. Estudantes indígenas na universidade: uma sessão de grupo operativo. *Vínculo*, 15 (2): 1-14, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo demográfico 2022: indígenas: primeiros resultados do universo: segunda apuração*. IBGE, 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Sinopse Estatística da Educação Superior 2012*. Brasília: INEP, 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Sinopse Estatística da Educação Superior 2022*. Brasília: INEP, 2022.

JODAS, Juliana. *A luta também é com a caneta: Usos e sentidos da universidade para estudantes indígenas*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Unicamp, Campinas, 2019.

CLAUDINO KAINANG, Zaqueu Key. *A formação da pessoa nos pressupostos da tradição: educação indígena Kanhgág*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

KAYAPÓ, Edson; BRITO, Tamires. A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso? *Mneme - Revista de Humanidades*, 15 (35): 38-68, 2015.

KAYAPÓ, Edson; SCHWINGEL, Kassiane. *Universidade: território indígena!* Porto Alegre: COMIN/Fundação Luterana de Diaconia, 2021.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomani*. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.

LISBOA, João Francisco Kleba. *Acadêmicos indígenas em Roraima e a construção da interculturalidade indígena na universidade: entre a formação e a transformação*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de Brasília, 2017.

MUNDURUKU, Daniel. *Das coisas que aprendi: ensaios sobre o bem-viver*. 2ª ed. Lorena: DM Projetos Especiais, 2019.

PALADINO, Mariana. Algumas notas para a discussão sobre a situação de acesso e permanência dos povos indígenas na educação superior. *Práxis Educativa*, 7 (esp.): 175-195, 2012.

PATAXOOP, Liça. *Minha escrita é o tehêy, resistência e memória da nossa história*. [Entrevista concedida à] Maria Lígia Pagenotto. Rede Galápagos, 2022.

PINO, Vanda Aparecida Fávero. *Evasão e permanência de estudantes indígenas no IFRS - Campus Sertão: os discursos que permeiam o processo*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade de Passo Fundo, 2016.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Gru-min, 2018.

SANTANA. *Estado nutricional, nível de atividade física e qualidade de vida relacionada à saúde de estudantes universitários de origem indígena*. Dissertação (Mestrado em Saúde, Ambiente e Trabalho), Universidade Federal da Bahia, 2019.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto. *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003.

SECRETARIA DE MODALIDADES ESPECIALIZADAS DE EDUCAÇÃO (SE-MESP). Alunos declarados indígenas no ensino superior aumentam 374%. *Instituto SEMESP*, 19 abr. 2023.

SILVA PANKARARU, Geovane Diógenes da; SOUZA, Marcondy Maurício de; PALOMINO; Thaís Juliana. “O processo de construção e desenvolvimento do acompanhamento pedagógico para e com estudantes indígenas na UFSCar”. In: MELLO, Roseli Rodrigues de; REYES Claudia Raimundo (orgs.). *Indi-age: a presença indígena na universidade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. pp. 123-146.

VELA, Luis Enrique Rivera. *Incluídos e invisíveis? Estudantes indígenas em universidades no Peru e no Brasil*. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade Federal Fluminense, 2019.

WERNER, L. Encontro Nacional de Estudantes Indígenas completa 10 anos e reivindica universidades menos eurocêntricas. Bem Viver. *Brasil de Fato*, 23 de outubro de 2023.

